

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
29 de Abril de 2021

6 GRADOS: LUÍS MIGUEL CINTRA 10.2006-7.2014 / 2021

Um filme de Pablo Llorca

Realização, Argumento, Fotografia e Montagem: Pablo Llorca / Com Luís Miguel Cintra e actores e colaboradores da Cornucópia.

Produção: Vuelo Rasante / Cópia: digital, cor, falada em português / Duração: 60 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Pablo Llorca e Luís Miguel Cintra

Pablo Llorca, nascido em 1963 na cidade de Madrid, é um realizador que tem trabalhado numa margem própria, pessoalíssima, e onde as ficções e os documentários se sucedem sem perda de coerência. Um cúmplice das suas ficções tem sido Luís Miguel Cintra, actor que com que o cineasta espanhol estabeleceu uma relação frutuosa, que já se consubstanciou em mais de meia dezena de filmes – nomeadamente **Todas Hieren** (1998), **Uno de los Dos No Puede Estar Equivocado** (2007) e **Dias Color Naranja** (2016).

6 Grados é, ao que consta, uma série de documentários que Llorca começou no princípio da década passada, cobrindo temas muito diferentes de uns filmes para aos outros. A última entrada nesta série é este filme, novíssimo, dedicado a Luís Miguel Cintra, e assente em material registado por Llorca ao longo de um período de oito anos, a acreditar nas datas constantes do título.

E é uma espécie de testemunho de Cintra no trabalho. Se, nas imagens colhidas e montadas por Llorca, Cintra nunca ou quase nunca está sozinho, e frequentemente está em diálogo com os seus colaboradores, não deixa por isso de ser o centro de atenção da câmara e do microfone, e a sua imagem, tanto quanto a sua voz, conduzem o filme, ocupando-lhe o mais vital espaço. É, de certo modo, um filme “parente” de um outro documentário centrado no trabalho de Cintra e da Cornucópia, o belo **Ilusão** de Sofia Marques (que não teve estreia comercial mas foi mostrado aqui na Cinemateca). Mas o filme de Sofia Marques era mais amplo – como um olhar de conjunto sobre tudo o que faz a Cornucópia, incluindo os seus espectadores – e também mais concentrado, visto dedicar-se ao trabalho de preparação e encenação de uma peça específica. No filme de Llorca, essas marcas dissipam-se um pouco, como se se sobrevoasse o tempo e o testemunho se pretendesse de uma materialidade muito própria e também muito pessoal na verdadeira acepção do termo. É, portanto, o trabalho de Luís Miguel Cintra, na encenação, na construção das personagens, na afinação dos cenários, mas também é, digamos assim, o processo intelectual que conduz a esse trabalho – e mais do que uma vez (por exemplo, em cenas de reunião com o elenco) sobressai o fio do discurso de Cintra, exprimindo-se já como uma visão, sobre o teatro em geral, sobre uma peça específica ou sobre elementos específicos de uma peça.

É um testemunho de valor raro, que investe o *registo* – essa espécie de “princípio do cinema” - de um poder que o tempo confirma e confirmará.

Luís Miguel Oliveira